

revista **MUNDO ESCOLAR**

ANO 3 Nº 10 SETEMBRO 2020



PROTAGONISMO

O aluno e o novo mundo

PROJETOS INTEGRADORES

Estudos instigantes e criativos para a comunidade escolar

INSTRUMENTALIZAÇÃO

Da sala de aula para a sociedade

BNCC NA PRÁTICA

O que muda nas áreas de conhecimento

ESPECIAL: NOVO ENSINO MÉDIO

FAMÍLIA: **PROJETO DE VIDA E FUTURO**

UMA IMERSÃO NO NOVO ENSINO MÉDIO

Quem imaginava, no início do ano de 2020, que os 12 meses seguintes reservariam tantas questões delicadas para a humanidade, interferindo diretamente no ambiente da educação ao redor do planeta, não é mesmo?

Em meio à pandemia do coronavírus, com as medidas de saúde e isolamento social, as atividades e o processo educacional foram severamente impactados, exigindo mudanças rápidas e um novo gerenciamento em todos os níveis da comunidade escolar.

Paralelamente a essa questão, gestores e educadores brasileiros estão debruçados na aplicação da Lei nº 13.415/2017, que determinou que, até 2022, todas as instituições escolares públicas e privadas do país entrem em conformidade com as regras.

Guiada pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), homologadas em 2018, a reforma instituiu o ensino médio em tempo integral e, assim, escolas de todo país buscam os melhores caminhos para a implementação.

É nesse contexto de planejamento que a edição nº 10 da revista **Mundo Escolar** traz o *Especial: Novo Ensino Médio*, com um conjunto de reportagens, entrevistas, personagens e boas práticas sobre esse assunto. Dentre os temas, estão: projeto de vida, instrumentalização metodológica, projetos integradores, protagonismo do estudante, a BNCC na prática e as expectativas e desafios para o gestor, o professor, o aluno, sua família e sua comunidade.

Na visão do membro do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina e ex-presidente do Conselho Nacional de Educação, do MEC, Eduardo Deschamps, as interrupções das aulas presenciais e a retomada educacional “podem gerar um pouco de atraso (nesse processo), mas certamente será superado, pois é um projeto importante para o Brasil”.

É para fortalecer essa compreensão que os conteúdos foram direcionados e produzidos, com o objetivo de trazer experiências, propostas e provocações para esse novo momento de ensino, protagonizados por personagens que têm trabalhado intensamente em sua aplicação prática.

Editorial Revista Mundo Escolar

revista
MUNDO ESCOLAR

Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Ceciliany Alves Feitosa
Luciana Teixeira
Gisele Cruz
Gabriela Palomo Capila de Melo
Elaine Cristina Castello
Flavia Renata P de Almeida Fugita
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira
João Carlos Ribeiro Junior
Marli Patricia da Silva

Realização: segmento

Presidente:
Edimilson Cardial
Curadoria:
Marcelo Daniel
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:
Margarete Rios Silva

A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação sob licença da Editora Segmento. A revista reúne conteúdos relevantes para toda a comunidade escolar, originalmente publicados em veículos que compõem o portfólio de publicações da Editora Segmento. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD
EDUCAÇÃO | GRÁFICA &
LOGÍSTICA

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



6 Projetos integradores
estudos instigantes e criativos para a
comunidade escolar

10 Os caminhos
para implementação do Novo Ensino Médio

14 Projeto de Vida na escola:
o aluno e o novo mundo

18 BNCC na prática:
o que muda nas áreas de conhecimento

22 Instrumentalização
metodológica:
da sala de aula para a sociedade

26 Projeto de vida
A hora e a vez da família do
aluno na escola

32 O gestor e
as mudanças
do Novo Ensino Médio

36 9 insights
para entender
o protagonismo do aluno

40 Os desafios da
formação técnica
e profissional no Ensino Médio



The background of the page is a blurred photograph of a library or classroom. In the foreground, a young man with dark hair is smiling and looking towards the camera. Behind him, several other students are visible, some looking at books or papers. The shelves in the background are filled with books. The overall atmosphere is bright and positive.

Projetos Integradores:

estudos instigantes e criativos para a comunidade escolar

As atividades propõem a busca pela reflexão e resolução de problemas e apresentam possibilidades para o desenvolvimento das competências e habilidades gerais da Base Nacional Comum Curricular

Se a utilização dessa metodologia de aprendizagem tem, ao menos, meio século de história, por que a implantação dos projetos integradores nas escolas ainda é um tema de discussão para professores e gestores?

O que há de diferente na proposta e na aplicação desses recursos e quais os caminhos propostos para a escola? Estes foram os questionamentos feitos a autores e profissionais desse segmento.

O QUE SÃO OS PROJETOS INTEGRADORES?

Em linhas gerais, são propostas pedagógicas que utilizam a metodologia de projetos para integrar, em uma proposta desafiadora e inspiradora, diversos componentes curriculares no processo de ensino e aprendizagem. Eles favorecem a maior participação dos estudantes e apresentam possibilidades para o desenvolvimento das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As atividades abordam temas transversais, com assuntos que percorrem diversas áreas do conhecimento e que, paralelamente, colaboram para a educação socioemocional, com foco na formação do estudante e sua preparação para vida em sociedade e para o mercado de trabalho.

No desenvolvimento desses projetos, a aprendizagem é um processo que tem os estudantes como protagonistas e o professor como orientador. No entanto, no decorrer das atividades, toda a comunidade é envolvida pela relevância dessa proposta.

O objetivo é o de produzir insights que podem ser importantes na aplicação prática dessas ferramentas em busca de bons resultados entre profissionais da educação, estudantes, pais e responsáveis.

“AO MESMO TEMPO QUE OS ALUNOS REFLETEM SOBRE UM TEMA, ELE SE CONSTITUI NO USO E APLICAÇÃO SOBRE SUAS HABILIDADES COGNITIVAS”

– SILVANA ROSSI JÚLIO, DA FTD EDUCAÇÃO

UM NOVO OLHAR

Como explica a autora da coleção *Ativa Projetos Integradores*, Aparecida Mazão, as ações típicas de projetos integradores sempre estiveram presentes nas escolas – como exemplo, estão as feiras de ciência, as mostras culturais e as atividades de investigação que envolvam estudantes, professores, coordenadores, gestores e comunidades diante de um tema comum.

“Não estamos apresentando uma metodologia desconhecida; o diferencial é entender essa proposta como uma estratégia intencional, planejada e organizada no cotidiano escolar”, ressalta.

Os professores auxiliam os estudantes na elaboração de hipóteses e caminhos possíveis, no desenvolvimento de argumentação para as problematizações e na busca e compartilhamento de soluções múltiplas, criativas, autorais e coletivas para as situações propostas nos projetos.

As atividades e experiências motivadoras são, em sua totalidade, pautadas em evidências científicas, que vão possibilitar a solidez necessária para o processo de aprendizagem.

“A investigação, a tomada de decisões e a atuação das equipes para atingir os objetivos propostos e situações problemas são algumas das estratégias dos projetos integradores para a obtenção de resultados determinados”, comenta a autora.

As aprendizagens propostas nos projetos integradores estão relacionadas aos métodos de investigação e, para isso, são sugeridas experiências que envolvem a observação, a coleta, a seleção de informações, a elaboração de soluções e a reflexão sobre os resultados obtidos, que são caminhos para explorar os temas com criatividade e autonomia, além de propor o exercício da empatia e do diálogo.

OS DESAFIOS PARA OS PROFESSORES

Na opinião da diretora-adjunta de produtos e serviços na FTD Educação, Silvana Rossi Júlio, além da reflexão sobre problemas mais próximos à realidade e da formulação de propostas criativas para sua vida em comunidade, há, ainda, a característica do desenvolvimento processual.



Divulgação

QUE PAZ DESEJAMOS?

Essa é a pergunta-chave que conduz o trabalho em um projeto integrador que convida os estudantes para identificarem pessoas, manifestações e instituições que atuam na construção da cultura de paz.

O objetivo é o de buscar valores e atitudes voltadas para o respeito a vida e, ainda, para atuarem como protagonistas, na promoção dos direitos humanos.

Os estudantes serão estimulados a elaborar argumentos estruturados em informações confiáveis, apoiadas pelas mídias digitais e produzir uma manifestação artística pela paz, utilizando as diferentes situações descritas e vivenciadas durante a investigação.

Mazão: “A investigação, a tomada de decisões e a atuação das equipes são algumas das estratégias dos projetos integradores”

“Ao mesmo tempo que os alunos refletem sobre um tema, ele se constitui no uso e aplicação sobre suas habilidades cognitivas”, observa.

Diante dessa dinâmica, a diretora reforça a importância de acompanhamento do seu processo e um mapa de avaliação que dê visibilidade aos pontos de aquisição e, também, às necessidades de aprofundamento e melhoria.

“Nos livros de projetos integradores, propostos para o Ensino Fundamental e Médio, sugerimos temas e, principalmente, estratégias que buscam desenvolver as competências e habilidades”, complementa Silvana.

Os projetos integradores trazem para os docentes do Ensino Fundamental e Ensino Médio propostas atrativas que devem estar presentes no cotidiano escolar. Porém como ressalta Mazão, “o maior desafio é pensar e atuar de forma interdisciplinar e integrada, relacionando os temas de cada componente curricular, as competências e as habilidades das áreas de conhecimento”.

E por mais que a própria nomenclatura já denote esse tipo de relação, na visão da autora, a integração representa um obstáculo a ser superado – “isso é uma grande dificuldade, principalmente porque os educadores, no dia a dia, atuam cada um dentro da sua especialidade”, diz.

Nesse contexto, para aplicar os projetos integradores, o diálogo e as ações de planejamento devem ser constantes e envolver gestores, coordenadores e professores para a elaboração das práticas fundamentais para a implementação dessas propostas. 🌀

“NÃO ESTAMOS APRESENTANDO UMA METODOLOGIA DESCONHECIDA; O DIFERENCIAL É ENTENDER ESSA PROPOSTA COMO UMA ESTRATÉGIA INTENCIONAL, PLANEJADA E ORGANIZADA NO COTIDIANO ESCOLAR”

– APARECIDA MAZÃO, AUTORA

Os caminhos para implementação do Novo Ensino Médio

Mesmo em um cenário de pandemia, entenda como estão as etapas de adequação e início das atividades da reformulação desse segmento educacional nos níveis federal e estadual



Shutterstock

A discussão para uma renovação nos anos escolares que correspondem à última etapa da educação básica no Brasil é antiga, sendo intensificada a partir do ano de 2012 – tais mudanças seriam formalizadas com as mudanças na legislação, publicadas em fevereiro de 2017.

A implementação do Novo Ensino Médio, por sua vez, atravessa hoje uma etapa importante, no prazo que foi reservado para organização dos currículos (entre os anos de 2019 e 2020). Mas, por outro lado, veio a pandemia do novo coronavírus, com o isolamento social e paralisação das aulas. Como fica essa questão?

Na visão do membro do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina e ex-presidente do Conselho Nacional de Educação, do MEC, Eduardo Deschamps, as interrupções das aulas presenciais e a retomada educacional “podem gerar um pouco de atraso (nesse processo), mas certamente será superado pois é um projeto importante para o Brasil”.

A proposta continua mesmo após as passagens de diversos ministros pelo MEC e, afirma, em nenhuma dessas gestões, houve – ao menos de maneira mais intensa – qualquer tipo de modificação na forma de dar continuidade a questão da reforma.

“O Ensino Médio no país tem um modelo muito particular, que é esse padrão de treze disciplinas, uma ação superficial de aprendizagem e um foco voltado apenas ao acesso ao Ensino Superior”, observa.

COMO FORAM DEFINIDAS AS ETAPAS

Após a aprovação da etapa do Ensino Médio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2018, um cronograma foi organizado pelo Conselho Nacional de Educação, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed).

A ideia era a de desenvolver ajustes e implementação que envolvem a adequação dos materiais didáticos do Programa Nacional do Livro Didáti-

co (PNLD), a reorganização da arquitetura curricular a ser feita pelas unidades federativas (estados e DF), a adequação das avaliações nacionais como as do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e na formação docente.

Nesse momento em que os currículos do Novo Ensino Médio estão sendo organizados, conforme ressalta a diretora do grupo de formação e pesquisa da Mathema, Katia Smole, há diferenças ao compararmos com o que aconteceu, por exemplo, com as mudanças do Ensino Fundamental.

“Não se trata apenas de fazer uma mudança pedagógica nos currículos, mas é toda uma revisão da arquitetura curricular, uma vez que envolve tempo ampliado, parte comum e parte diversificada, estudar as possibilidades para o ensino médio regular diurno e noturno, a educação de jovens e adultos, a oferta dos itinerários etc.”, esclarece.

Nessa fase de reorganização, ressalta a doutora em Educação, que é ex-chefe da Secretaria de Educação Básica do MEC, não basta apenas um enfoque pedagógico.

“É preciso toda uma articulação intersetorial nas secretarias para planejar as mudanças nas escolas, no deslocamento dos estudantes, nas parcerias com outros setores da sociedade para garantir a formação integral dos estudantes”, diz.

A previsão inicial (que não leva em conta a pandemia) é a de que a proposta comece a ser implementada a partir de 2021 e seja concluída até o ano de 2023.

OS NOVOS DESAFIOS

Os grupos que trabalham na implementação do Novo Ensino Médio já preveem o surgimento de uma série de desafios nesse processo – o que é necessário para a elaboração de planos de ação.

“Os desafios são muitos e vão desde a organização da arquitetura curricular e as possibilidades de oferta, de modo a criar condições para que aconteça, até a preparação das escolas, dos educadores, dos estudantes e da comunidade em geral para as inovações trazidas por essa proposta”, enumera Katia.

A especialista ressalta a necessidade de uma transição que será a priori estrutural, mas que requer uma mudança no olhar como se encara a questão. “Hoje ofertamos no país um ensino estruturado em aulas anuais, fragmentadas, muitas vezes sem sentido para quem aprende”, pontua, o que resulta em problemas como as altas taxas de evasão e reprovação, além da falta de opção para quem concluir o Ensino Médio e não quiser ir para a universidade.

AS MUDANÇAS

Dentre as possibilidades de renovação na grade, a especialista sugere que as escolas podem trabalhar por projetos, por componente curricular (disciplinas, como é hoje), por módulos. “O trabalho mais interdisciplinar, a transdisciplinaridade possibilitada pelas dez competências gerais, o trabalho com metodologias ativas e aprendizagem criativa são oportunidades de mudança no ambiente escolar”, ressalta.

Os educadores, explica Katia, continuam dando suas aulas, uma vez que as disciplinas não acabam mas podem ser reorganizadas para serem menos fragmentadas do que hoje, e haverá a possibilidade de ofertar eletivas de sua área/componente, atuar nos itinerários formativos, como orientador de projetos de pesquisa ou mesmo em projeto de vida, como orientador ou professor.

“Além disso, a escola pode se abrir para a comunidade, fazer parcerias com ONGs, com outras instituições de ensino, para ofertar uma educação mais conectada com os jovens estudantes do regular, ou com os adultos da educação de jovens e adultos”, complementa.

Sobre a educação profissional e técnica, a modalidade não exclui o acesso à universidade, mas amplia as possibilidades para que os estudantes não façam parte das estatísticas de jovens que “nem estudam e nem trabalham”.

Nesse caso, a doutora em Educação ressalta os Institutos Federais, escolas técnicas profissionais, Sistema S, universidades, como parceiros potenciais para o desenvolvimento de qualificação técnica profissional.

“A TRANSDISCIPLINARIDADE POSSIBILITADA PELAS DEZ COMPETÊNCIAS GERAIS, O TRABALHO COM METODOLOGIAS ATIVAS E APRENDIZAGEM CRIATIVA SÃO OPORTUNIDADES DE MUDANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR”

– KATIA SMOLE, DO MATHEMA

ENEM E VESTIBULARES

Com o Novo Ensino Médio, o país passa a ter um currículo para orientar os exames de acesso à universidade – e todos deverão levar em conta a formação geral básica que é prevista na BNCC.

No caso do o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a legislação prevê que seja realizado em duas etapas, onde a primeira terá como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a segunda, o disposto nos Itinerários Formativos. “Que o estudante inscrito escolha as provas do exame da segunda etapa de acordo com a área vinculada ao curso superior que pretende cursar e que instituições de ensino superior deverão considerar para fins de acesso os resultados de ambas as etapas do Exame Nacional do Ensino Médio, quando for o caso”, pontua Katia.

Deschamps salienta que, com relação aos Itinerários Formativos, ainda há pontos que estão em discussão sobre essa segunda etapa. “Em linhas gerais, as redes têm apresentado algumas soluções bem interessantes para isso e o próprio Consed já tem uma série de documentos orientativos para que isso possa acontecer”, relata.

Para o conselheiro, que já foi presidente do CNE e acompanhou de perto a discussão sobre o tema na última década, houve no primeiro momento uma certa resistência por algumas parcelas de profissionais, escolas e estudantes. “É absolutamente natural, mas à medida que o processo foi sendo compreendido, nós começamos a perceber uma adesão maior e um entendimento de que esse é um modelo que moderniza e atualiza o processo do Ensino Médio no Brasil”, conclui. 



Projeto de Vida na escola:

o aluno e o novo mundo

Como gestores e educadores podem implementar, na prática, ações e reflexões que possibilitem a esse estudante ser protagonista de suas escolhas – e que elas tenham reflexo na vida desse futuro adulto

Leo Fraiman não gosta de usar a expressão “no meu tempo...”, para se referir a hábitos do passado. Em sua visão, o tempo de alguém é aquele em que estamos vivendo, o agora etc..., ainda assim, o psicoterapeuta e escritor relembra que, quando se formou na faculdade, eram considerados diferenciais para a vida profissional saber falar inglês e ter feito o curso de datilografia.

O que vai ser avaliado como diferencial daqui a cinco, dez anos, ele questiona: alguém sabe? Para o criador da Metodologia OPEE, presente em

1,5 mil escolas e praticada por 250 mil alunos, é um equívoco tratar o futuro como algo já definido. “O amanhã, assim como o mercado de trabalho, não é algo que já está desenvolvido, pronto, mas que é elaborado por cada pequena decisão de um conjunto de sete bilhões de seres humanos no Planeta”.

INSPIRAR O ESTUDANTE, DE FORMA PROTAGONISTA, A ENTENDER QUE UMA PROFISSÃO SE ESCOLHE NÃO PARA GANHAR DINHEIRO, MAS PARA ENRIQUECER O MUNDO

Falar de Projeto de Vida na escola, sob a ótica tanto dos gestores quanto dos educadores, está relacionado a assumir o papel de um mediador, responsável por ajudar o aluno a entender que a cada passo, escolha e pequena decisão estão construindo esse futuro. “Os professores, em suas especialidades, devem inspirar o estudante, de forma protagonista, a entender que uma profissão se escolhe não para ganhar dinheiro, mas para enriquecer o mundo”, explica.

O EMOCIONAL EM SALA DE AULA

Ainda em referência ao mercado de trabalho, o que Fraiman tem constatado, de maneira geral, é que as grandes empresas hoje contratam um profissional com base em suas habilidades cognitivas – mas que, tempos depois, demitem esse indivíduo pela falta de competências socioemocionais.

“Há indícios de que teremos de preparar esse aluno para um futuro mais complexo, desafiador, competitivo, disruptivo, acelerado e conectado e, para esse ambiente, será fundamental trabalhar habilidades como empatia, resolução ética de conflitos, trabalho em equipe, resiliência, disciplina, autoconhecimento, equilíbrio emocional, força de vontade, capacidade de analisar dados complexos”, enumera.

Para o autor, o mundo pós-pandemia reserva um desafio ainda maior para esses pilares que formam a comunidade escolar. “Caducou a era do cada um por si, do levar vantagem sobre o outro e, também, do ensino meramente focado nas habilidades cognitivas”, relata.

A própria superação desse quadro de impacto global, observa, está diretamente ligada a es-



sas propostas – “uma das grandes lições é que a cooperação humana e, em especial, as competências socioemocionais, são os elementos decisivos para a agilidade na busca de soluções conjuntas”, diz.

REVER SENTIDOS E SIGNIFICADOS

O psicoterapeuta, que tem forte atuação em canais digitais, com artigos e vídeos amplamente compartilhados nas diversas plataformas, encara o momento como uma “oportunidade fantástica” para a escola rever o seu sentido e significado.

Para isso, ele explora alguns *insights* que podem ser incorporados nesse novo momento do Projeto de Vida na escola. O professor de Artes que pro-

Com os alunos no centro do processo educacional, cabe aos professores guiá-los em suas trajetórias pessoais

É COMEÇAR, DESDE A VIVÊNCIA ESCOLAR, A PERCEBER AS APTIDÕES, SENSIBILIDADES E VOCAÇÕES DO ALUNO PARA SE TORNAR UM ADULTO MAIS COMPLETO EM SUAS REALIZAÇÕES PESSOAIS



ponha pinturas, esculturas, que aproveite essa dinâmica para que os alunos se conheçam melhor e que, a partir dessas obras, fale sobre resiliência; a disciplina que um ator e um músico precisam ter para alcançar a criatividade.

Ou, então, o professor de História que explore biografias de pessoas, povos e nações que fizeram a diferença com base nos valores que colocaram em prática, inspirando os estudantes a uma atitude transformadora.

Também a proposta do professor de Educação Física que trabalhe as perspectivas sobre a importância do sono e da meditação, de *mindfulness* e da respiração para manter o foco durante o estudo – e que possa explorar carreiras tanto no esporte quanto nos e-sports, por exemplo.

TRAJETÓRIAS PESSOAIS

Com os alunos no centro do processo educacional, cabe aos professores serem os responsáveis por guiar os estudantes em suas trajetórias pessoais. A constatação é da gerente editorial de projetos especiais da FTD Educação, Isabel Lopes Coelho, que complementa: “dentro do processo oferecido pela construção de Projeto de Vida, cabe ao docente essa sensibilidade extra de entender profundamente o aluno em suas questões mais emotivas e latentes, de modo a orientá-lo em suas buscas e pesquisas”.

A gerente ainda aponta um ponto marcante desse processo, que é a sua característica de mão dupla – “o aluno se apoia no professor para dar passos firmes em direção ao seu crescimento, e o professor também se beneficia desse contato”, afirma.

No ambiente da escola, o professor é convidado a entender as diferentes aptidões e criar condições para o desenvolvimento pessoal de cada um. “Trata-se de um trabalho ainda que coletivo, focado no indivíduo – porém, sem abandonar o conceito de autonomia do estudante”, complementa Isabel.

Na visão da especialista, trata-se de uma dinâmica que favorece o aluno e que tem por objetivo trazer consciência para suas escolhas, potencial e oportunidades. “É começar, desde a vivência escolar, a perceber as aptidões, sensibilidades e vocações para se tornar um adulto mais completo no que diz respeito às suas realizações pessoais – que englobam, também, as profissionais”, conclui.

No mesmo sentido, o psicoterapeuta Leo Fraiman comenta que há estudos científicos que relacionam impactos positivos na saúde quando uma pessoa está conectada com um propósito, em equilíbrio emocional e feliz. “Se dentro da sala de aula, formos capazes de inspirar um aluno a pegar a vida nas mãos, a dar a volta por cima, a sermos a boa notícia do dia, nós estaremos fazendo um lindo trabalho de saúde física, mental e espiritual”, conclui. 🌀





BNCC na prática:

o que muda
nas áreas de
conhecimento

Como o novo texto
vai influenciar nas
dinâmicas em sala
de aula do Ensino
Médio, sob o olhar
de especialistas e
autores de cada área



As disciplinas, hoje chamadas de componentes curriculares no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estão organizadas em quatro grandes áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Diante das mudanças propostas pelo documento, pedimos a quatro professores, autores de conteúdos sobre a nova base em cada uma dessas áreas, que comentem alguns aspectos do que vai ser modificado, na prática, em cada segmento de ensino.

1 LINGUAGENS

Por Paula Marques, professora na rede particular de São Paulo, mestre em Língua Portuguesa

LEITURA E PRODUÇÃO

Em Linguagens, é fundamental que o professor desenvolva, entre várias outras, habilidades de leituras, de produções orais e escritas. É preciso, no entanto, cuidar para que não seja realizada uma simples transposição de conteúdos para habilidades.

É fundamental que as práticas de linguagem orientem as habilidades desenvolvidas a fim de que os estudantes/cidadãos compreendam o significado para as ações sociais das quais participa.

DE OLHO NO MEME

Como já era uma tendência antes da BNCC, não é mais possível ignorar petições, cartas abertas, posts, memes, enfim, o estudo desses gêneros.

No entanto, é preciso ampliar esse enfoque para o estudante ter voz e mais ação em seu grupo social, para promover reflexões sobre a língua e definir campos de atuação. Além de novos gêneros (trailer honesto, mashup, videoblog), novas práticas de compartilhamento (curtir, compartilhar, curar, redistribuir, taguear, remediar, remixar, colaborar, etc) precisam ser trabalhadas.

TODAS AS TURMAS

Outra grande mudança é o olhar acolhedor para as múltiplas juventudes. Finalmente um documento oficial reconhece a multiplicidade desse seguimento: não temos um perfil de “alunos”, temos vários, com histórias de aprendizagens e de vida.

O documento traz a ideia de que a escola precisa considerar a existência de juventudes no plural, o que não quer dizer de diferentes lugares geográficos, mas de diferentes histórias, com diferentes linguagens, com diferentes culturas.

2 MATEMÁTICA

Por Douglas Dantas, professor, mestre em Ensino de Ciências e Matemática, diretor de Projetos Educacionais da Maestro Educação

APLICAÇÃO NA REALIDADE

A BNCC tem como principal mudança a proposta de fazer um ensino pautado em uma Matemática mais aplicada à realidade. Três palavras podem sintetizar: sentido, significado e contexto.

É importante destacar que a Matemática deve ser vista como uma área do conhecimento e que, apesar de estar “sozinha”, ou seja, sem outras disciplinas (componentes) junto, ela pode e deve passar por todas as outras áreas.

POR QUE ENSINAMOS?

O ensino precisa promover habilidades que vão além do simples conhecimento e compreensão dos conteúdos a partir de suas teorias, teoremas e leis. Sabemos que temos que ensinar função exponencial. Mas, por que ensinamos? Onde aplicamos?

Este é um conceito que continuará sendo ensinado, mas com a BNCC, os estudantes são incentivados a resolver problemas que envolvem as funções em diferentes contextos, podemos interrelacionar esta habilidade, que possibilita a aplicação deste conceito na Matemática Financeira, ao trabalhar juros composto.

Ou, ainda, trabalhar conceitos envolvidos na análise de gráficos, identificando características fundamentais da função e, assim, aplicar o conhecimento para analisar a propagação de vírus, possibilitando fazer previsões estatísticas relacionadas à pandemias.

3 CIÊNCIAS DA NATUREZA

Por Wolney Melo, professor de Física, mestre em Ensino de Ciências, doutor em Educação e diretor do Atitude Educacional

CONTEXTO

O professor de Física, Química ou Biologia deve proporcionar um ensino no qual o aluno compreenda os conceitos científicos como construção humana e social. Para isso, é de fundamental importância que o ensino seja contextualizado em seus aspectos sociais, históricos e culturais.

É importante que elementos históricos sirvam de subsídios para reflexão sobre impactos políticos, sociais, econômicos e tecnológicos decorrentes do desenvolvimento de novas teorias e procedimentos científicos, fazendo com que perceba que a ciência não é neutra e que está intimamente ligada a aspectos locais, tecnológicos, ambientais, sociais e políticos de cada época e cultura.

Assim, ao estudar a construção e evolução dos conceitos da Termodinâmica, por exemplo, o professor deve proporcionar situações e atividades de forma a fazer com que o estudante consiga relacionar esses avanços conceituais aos fatores históricos, artísticos, culturais, sociais e econômicos dos séculos XVIII e XIX que ocorreram na Europa ocidental.

E O VESTIBULAR? E O ENEM?

A BNCC tem força de lei e estabelece os direitos mínimos de aprendizagem a que todos devem ter acesso. Dessa forma, qualquer processo seletivo deverá estar alinhado ao que o documento apresenta como normativa, uma vez que as seleções podem ser objeto de questionamentos se assim não o fizerem.

“OUTRA MUDANÇA É TER UM DOCUMENTO OFICIAL QUE RECONHECE A MULTIPLICIDADE DE UM GRUPO: NÃO TEMOS UM PERFIL DE ALUNOS, MAS VÁRIOS.”

– PAULA MARQUES, PROFESSORA

4 CIÊNCIAS HUMANAS

Por Diego Moreira, professor e historiador, doutorando em Educação, diretor da Escola dos Saberes

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A BNCC busca aproximar as ciências humanas das realidades enfrentadas pelos estudantes no seu cotidiano respondendo a expectativas reais dessa faixa etária.

Cabe uma ressalva importante: ajustar isso num documento oficial não significa afirmar que as escolas e os docentes, em maior ou menor escala, não realizavam essas contextualizações e municiavam os estudantes de significados e sentidos em suas aulas.

Então a BNCC para o Ensino Médio desafia todos os envolvidos, sistemas públicos, escolas, docentes, famílias e estudantes a perceber a atualidade e o quanto os conceitos que sustentam a área das Humanidades são fundamentais para a formação integral do sujeito, seja na formação mais voltada para o mundo do trabalho ou na formação que aprofunda conceitos das humanidades.

O PROFESSOR

O professor precisará continuar estudando. Metodologicamente, didaticamente, não estamos prontos. Somos novos a cada aula, a cada turma e a cada conteúdo ensinado.

É importante que se reconheça as trajetórias e avance nos saberes para a sala de aula.

E, claro, perceber que a sala de aula é um universo de descoberta para os adolescentes e para os docentes. E isso é bom. Essa descoberta mantém viva a relação que estabelecemos entre conteúdos, estudantes e sociedade. 🌐

Instrumentalização metodológica: da sala de aula para a sociedade

**Que recursos os docentes podem
utilizar na hora de reunir** os instrumentos
necessários para equacionar problemas
e direcionar aos itinerários formativos

Nos caminhos percorridos desde o texto da Base Normal Curricular Comum (BNCC) até a aplicação de seus alicerces no novo Ensino Médio, a busca de um impacto na formação do ser humano é um efeito que se faz sempre presente.

A forma como as competências e habilidades vão influenciar esse cidadão do amanhã é uma preocupação constante, e que recebe especial atenção nas propostas de implementação. “Urge que as escolas foquem nesse objetivo maior: formar alunos competentes para viver no mundo contem-

porâneo”, ressalta a professora e autora de conteúdo sobre o novo Ensino Médio, Paula Marques.

Entender quais serão as possibilidades e recursos aplicados aos estudantes é um ponto de partida fundamental para, então, ouvir dos especialistas, que resultados esperar da instrumentalização em sala de aula – tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo, da sociedade.

A INSTRUMENTALIZAÇÃO

Em estudo disponibilizado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, intitulado *A importância da instrumentalização metodológica para o en-*



sino de ciências, as professoras Clair Santos e Onildes Taschetto delimitam o termo de uma forma que se pode compreender o seu papel na compreensão e aplicação dos conteúdos exigidos.

Nele, o conceito de instrumentalização é explicado como uma apropriação de instrumentos teóricos e práticos, com o objetivo de equacionar um problema detectado na prática social. “A tarefa do professor e dos alunos, nesta fase, desenvolve-se através de ações didático-pedagógicas, necessárias à efetiva construção conjunta do conhecimento nas dimensões científica, social e histórica”, prossegue.

Esse tipo de recurso é um caminho importante para estruturar os chamados itinerários formativos, presentes nos currículos do novo Ensino Médio.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS

Esses caminhos são as unidades curriculares que a rede de ensino vai oferecer ao estudante, com o objetivo de conectar o que ele aprende na escola com o que vai utilizar no futuro – por exemplo, no mercado de trabalho. Como cita a página do Ministério da Educação (MEC), os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento e da formação técnica e profissional (FTP) ou, então, nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP.

De acordo com o *Guia de Implementação do novo Ensino Médio*, do MEC, as redes de ensino terão autonomia para definir quais desses caminhos irão ofertar – processo que deve envolver a participação de toda a comunidade escolar.

Na proposta, a carga horária fica dividida: 1800 horas serão destinadas à formação comum da BNCC e, o restante, para os itinerários formativos.

“ESPERA-SE QUE OS ESTUDANTES POSSAM ANALISAR FENÔMENOS E PROCESSOS, UTILIZANDO MODELOS, FAZENDO SIMULAÇÕES E PREVISÕES, ARGUMENTANDO E PROPONDO SOLUÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO DE DESAFIOS LOCAIS E GLOBAIS”

– WOLNEY MELO, DO ATITUDE EDUCACIONAL

O diretor de Projetos Educacionais da Maestro Educação, Douglas Dantas, acredita que, para colocar essas propostas em prática, é preciso promover habilidades que vão além do simples conhecimento e compreensão dos conteúdos a partir de teorias, teoremas e leis.

O QUE ESPERAR DAS AULAS

Na visão de Paula Marques, que é mestre em Língua Portuguesa, é papel da escola contribuir para que os estudantes se reconheçam como sujeitos, com competências e potencialidades para exercer participação e intervenção social.

“No bojo dessa questão estão novos modelos de aulas: as baseadas em problemas, as que desenvolvem projetos, as aulas de gamificação, as que usam instruções por pares, as que usam o conceito maker, as que usam o design thinking e tantas outras metodologias que vão transformar o modelo de aula transmissiva”, ressalta.

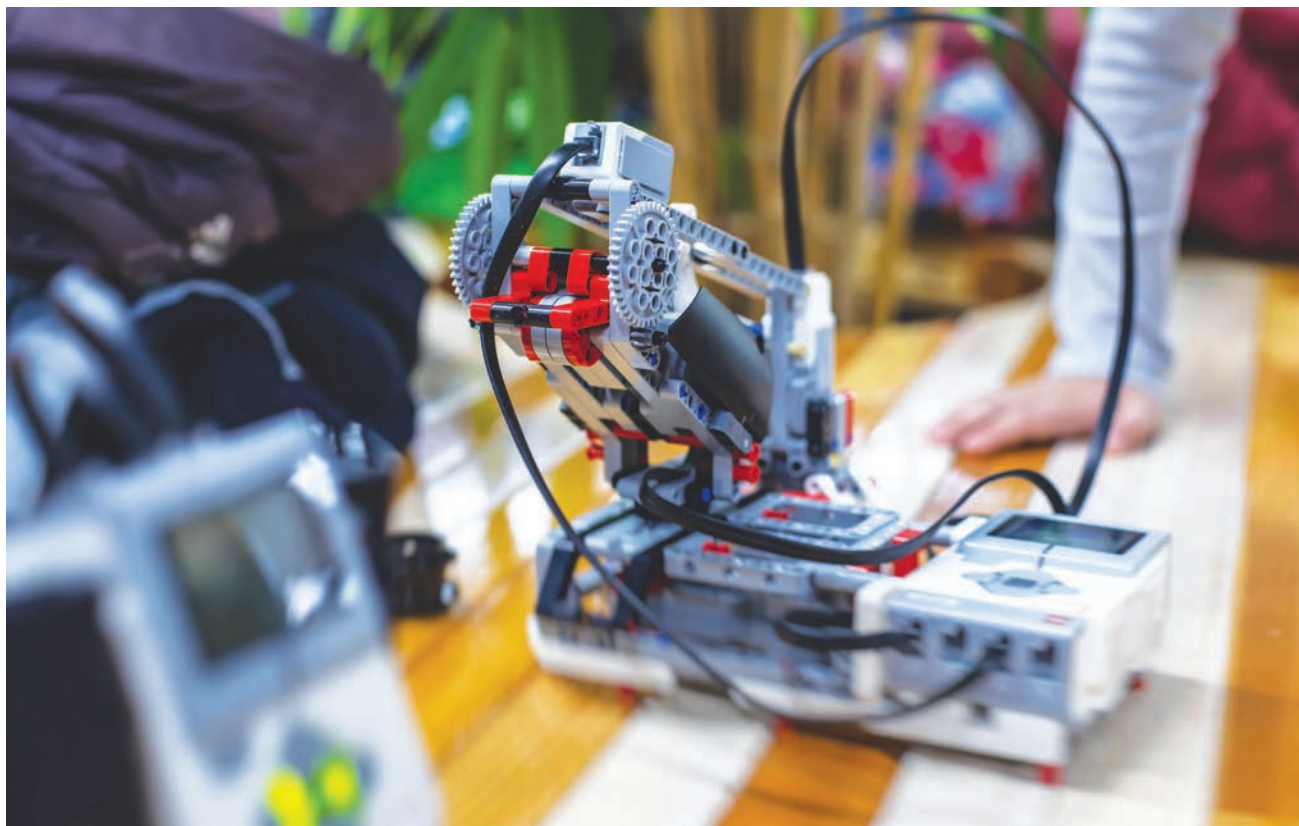
O ensino da evolução dos conceitos da Termodinâmica em uma aula de Física, exemplifica o diretor do Atitude Educacional, Wolney Melo, deve relacionar os avanços no tema a fatores históricos, artísticos, culturais, sociais e econômicos da Europa Ocidental entre os séculos XVIII e XIX.

“Espera-se que os estudantes possam analisar fenômenos e processos, utilizando modelos, fazendo simulações e previsões, propiciando a ampliação da compreensão sobre a vida, a Terra e o universo, refletindo, argumentando e propondo soluções para o enfrentamento de desafios locais e globais”, pontua.

ENFRENTAR DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Para Dantas, da Maestro Educação, é importante que esses encontros incentivem o enfrentamento de novos desafios da contemporaneidade – sejam eles sociais, econômicos ou ambientais –, e a tomada de decisões éticas e fundamentadas.

“É importante que os alunos formulem e testem conjecturas e proponham ações de intervenção na realidade, mobilizando e utilizando os conhecimentos matemáticos construídos em sua formação”, diz.



Para isso, sugere, os docentes podem usar ferramentas de softwares e aplicativos para compreender e produzir conteúdos em diversas mídias, simular fenômenos e processos das diferentes áreas do conhecimento, e elaborar e explorar diversos registros de representação matemática.

O diretor da Escola dos Saberes, Diego Moreira, vê a BNCC para o Ensino Médio propondo um desafio que mobiliza sistemas públicos, escolas, docentes, famílias e estudantes: “perceber a atualidade e o quanto os conceitos que sustentam a área das Humanidades são fundamentais para a formação integral do sujeito, seja na voltada para o mundo do trabalho, seja na mais aprofundada nas ciências humanas”.

O professor e historiador observa que, diante da formação de professores nas licenciaturas que pouco dialogam com as disciplinas de Didática e

Metodologia de Ensino, cabe a esse profissional “aprender a lecionar, lecionando”.

Nesse processo, que destaca o papel dos docentes em buscar recursos, métodos, estratégias e plataformas para promover as mudanças necessárias do ensino do cotidiano escolar, Moreira vê, inclusive, a importância da participação de quem administra as unidades. “Nesse ponto o acolhimento dos gestores será essencial para auxiliar o professor na mudança da sua prática”, observa.

Por fim, diante da proposta de ensino que ressalte o protagonismo do aluno e de seu impacto na sociedade, o docente indica a importância da reflexão crítica sobre os modelos em desenvolvimento e, para isso, cita como exemplo uma frase do educador Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” 🌐

Para colocar a Matemática em prática no dia a dia, é preciso promover habilidades que vão além do simples conhecimento a partir de teorias, teoremas e leis, ressalta o professor Douglas Dantas

Projeto de vida

A hora e a vez da família do aluno na escola

De que forma os programas de Projeto de Vida podem consolidar a participação de familiares nas rotinas escolares como um pilar importante para o futuro desse cidadão

Do portão para fora. Infelizmente, durante muitos anos, essa foi (e, em alguns casos, ainda tem sido) a realidade da relação da família com o dia a dia do estudante dentro dos muros da escola.

Esse distanciamento, que se faz mais evidente nos anos finais da vida escolar, é visto como um ponto negativo, e que pretende ser gradativamente mudado a partir das propostas, como é o caso das práticas previstas nos programas de projeto de vida do Novo Ensino Médio.

“A presença dos pais e familiares no ambiente escolar tem uma ligação direta com a segurança

– física, emocional e formativa – desses estudantes”, pontua o supervisor-geral do colégio 7 de Setembro, em Fortaleza (CE), Fabio Delano.

Quais as possibilidades pedagógicas podem ser desenvolvidas a ponto de trazer a participação da família do aluno para a escola? Buscamos algumas experiências pioneiras, na rede pública e privada, para mostrar como são essas práticas e, também, os resultados desse tipo de integração.

A FAMÍLIA E O PROJETO DE VIDA

Nos 27 anos que esteve em contato com a realidade de diversos colégios e salas de aula, a coordenadora-geral da Escola Estadual Professor Antônio Alves Cruz, de São Paulo (SP), Elides Assumpção,



Imagens/Shutterstock

encarou um cenário de “notório distanciamento” entre os jovens e membros de sua família.

“Falta diálogo, empatia e, principalmente, cumplicidade para o enfrentamento das dificuldades dessa fase da vida”, comenta.

No entanto, na sua jornada como educadora, esse cenário recebeu um novo fôlego a partir do contato com a escola paulistana, em 2016. Em uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, a unidade escolar foi a escolhida para um projeto-piloto no ano de 2012.

Com a implementação do programa de ensino integral em toda a rede estadual, dentre as partes que compõem a matriz curricular, estava o programa de Projeto de Vida. “É uma metodologia que tem como objetivo maior fomentar a continuidade dos estudos pelos estudantes de escolas públicas”, diz.

AS TUTORIAS E O FUTURO

No método colocado em prática na E. E. Antônio Alves Cruz, o olhar para o futuro dos estudantes já se inicia na primeira semana de aula do Ensino Médio. É a partir desse momento que educadores e alunos utilizam desses dias iniciais para a construção do que seria o seu projeto de vida.

Na opinião de Fraiman, 50% dos bons resultados em sala de aula estão relacionados com o que acontece na sala de casa



Essa estruturação se dá por meio de oficinas, discussões e dinâmicas. O objetivo é provocar os participantes desses encontros a olhar para seu futuro e seus sonhos.

“Quando ingressei na escola, minha percepção foi a de que havia uma interpretação equivocada de projeto de vida, principalmente no que diz respeito ao seu papel enquanto metodologia”, conta a coordenadora.

Elides nota que, ao menos naquele momento, o programa contemplava apenas a escolha de uma carreira, sem dedicar-se ao planejamento para atingir esse objetivo e, ainda, sem contemplar outras áreas como saúde, lazer, relacionamentos pessoais e com o ambiente.

O processo foi, aos poucos, redimensionado e, segundo a gestora, hoje é possível dizer que há um “alinhamento conceitual necessário e práticas pedagógicas sustentáveis para, de fato, promover um empenho dos estudantes na busca pela qualidade de vida e por um futuro promissor”.

As mudanças, ressalta, colocaram também os adultos no raio de atuação do programa – “incentivamos os demais gestores e professores a ter um projeto de vida ‘para chamar de seu’”, conta.

FEEDBACK EM AÇÕES

Após o desenho inicial, desenvolvido na primeira semana de aula, a escola passa a desempenhar um cronograma de tutorias, que vão ser desenvolvidas no decorrer dos três anos do Ensino Médio.

Com esses tutores, os estudantes passam a refletir e escrever suas expectativas, sonhos e escolhas, com o objetivo de concluir essa etapa com um caminho, ao menos visualizado, para seu futuro.

Essa implementação, relembra Elides, teve alguns obstáculos a serem superados. “Um primeiro desafio a ser enfrentado é levar os tutores à compreensão de que o tutorado é um ser sócio-histórico-cultural, para que sua atuação seja sensível ao contexto de vida do aluno, orientada pelo protagonismo juvenil e isenta de julgamento”, comenta.

Houve, também, uma prioridade em estabelecer – tanto ao tutor quanto ao tutorado – que esses encontros não têm por objetivo serem uma espécie de

sessão de terapia. “Embora os aspectos de caráter emocional tenham, em grande medida, efeitos na trajetória escolar e nas escolhas que fazemos, deve-se priorizar o percurso para alcançar os objetivos que foram definidos”, afirma a coordenadora.

Por fim, o que se tem notado com o passar dos anos e o desenvolvimento das tutorias do programa de projeto de vida na E. E. Antônio Alves Cruz, na visão da gestora, tem sido um panorama positivo. “Em 2020 tive a experiência mais almejada pelos professores da rede pública: ter um número bastante expressivo de seus alunos ingressando em universidades públicas”, comemora.

Segundo Elides, foram muitas aprovações e os alunos se dirigiam até a escola assim que conheciam seus resultados, para dividir a experiência com professores, gestores e, enfim, seus tutores. “Isso motivou ainda mais a equipe escolar”, diz.

Do ponto de vista da família, a coordenadora aponta que a sensibilização desse pilar começou a integrar o plano de ação da escola e passou a ser prioridade. “A proposta é que a intencionalidade se converta em ações e mude a relação da família com a escola – que será um lugar onde também os pais vão poder construir os seus projetos de vida”, afirma.

UMA PRESENÇA DE SEGURANÇA

Para o supervisor-geral do colégio 7 de Setembro, em Fortaleza (CE), Fabio Delano, a presença da família do aluno na escola – seja nas dependências, seja no conteúdo programático –, já se consolida como uma espécie de tradição nos últimos 15 anos.

“Uma escola tem de fazer de tudo para proporcionar a segurança para seus alunos – e, nesse contexto, desde o Ensino Fundamental, os pais representam esse tipo de sentimento”, explica.

No que o professor, que também é pedagogo e PhD em Linguística, classifica como um dos três pilares de segurança, focado no contexto físico da expressão, a escola proporciona condições para que as famílias se façam presentes, desde os anos iniciais.

Muito além do simples incentivo, a palavra “família” está na página inicial do site da instituição e os familiares são cadastrados no sistema biométrico de acesso ao recinto, além de serem reconhecidos e

RAIO-X DAS ESCOLAS

► Escola Estadual Professor Antônio Alves Cruz

Ensino Médio

Rede pública estadual

Localização: São Paulo (SP)

Fundação: 1957

Número de alunos: 336 (Segundo Censo Escolar 2019)

► Colégio 7 de Setembro

Educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio

Rede privada

Localização: Fortaleza (CE)

Fundação: 1935

Número de alunos: 1 mil no Ensino

Médio (média de todas as unidades)

integrados pelo corpo funcional (que é composto por funcionários que atuam há décadas na instituição).

São ações práticas que, na visão do gestor, contribuem para amenizar um pouco os sentimentos em uma sociedade “marcada por uma insegurança enorme”.

FATOR EMOCIONAL

O segundo pilar desse processo de aproximação da família, segundo Delano, é o fator da segurança emocional.

“Seu filho está triste, ele não está participando das atividades, não tem amigos, mudou o comportamento – o professor tem recursos para perceber essas ações e fazer essa comunicação aos pais”, salienta.

A escola consolida uma estrutura para intervenção em todos os projetos socioemocionais, como é o caso de problemas como o bullying, por exemplo.

“A PRESENÇA DOS PAIS E FAMILIARES NO AMBIENTE ESCOLAR TEM UMA LIGAÇÃO DIRETA COM A SEGURANÇA – FÍSICA, EMOCIONAL E FORMATIVA – DESSES ESTUDANTES”

– FABIO DELANO, COLÉGIO 7 DE SETEMBRO

CINCO MEDIDAS PARA INTEGRAR PAIS À SALA DE AULA DOS FILHOS

Convidamos o escritor Leo Fraiman (*ao lado*) para reunir dicas que gestores e professores podem desenvolver no ambiente escolar que vão trazer relevância à participação da família no processo de ensino e aprendizagem

A participação dos pais na educação escolar foi o tema da tese de mestrado do psicoterapeuta e escritor, Leo Fraiman, e é um assunto que está entre os principais temas nos quais desenvolve suas atividades.

“O trabalho da família é tão importante quanto o trabalho da escola: hoje se sabe que cerca de 50% dos resultados acadêmicos conquistados na sala de aula, dependem de uma boa sinergia de propósitos daquilo que acontece na sala de casa”, pontua.

Pensando nisso, convidamos o autor para reunir cinco boas práticas que podem aproximar a família das dinâmicas em sala de aula – e, assim, colaborar de forma decisiva no projeto de vida.

1 Pais não devem aparecer apenas para burocracia

Para o escritor, é importante que as famílias não estejam ligadas aos temas escolares apenas para fins burocráticos, mas que seja feita uma boa aliança com a instituição.

“Se os pais são chamados para pagar as contas ou receber broncas, então participar da escola não faz muito sentido”, comenta Fraiman, que afirma que, em alguns casos, os familiares se afastam desse ambiente, justamente, pela falta de um projeto continuado de construção dessa participação entre a casa e o ambiente escolar.

2 Um convite para dividir suas experiências de vida

Na visão do psicoterapeuta, uma boa proposta é trazer esses familiares para o interior da instituição – de forma física ou virtual –, para dividir suas experiências, expectativas e rotinas com os demais estudantes.

“Que tal um pai que é economista e que possa vir à escola – ou fazer uma live, construir um pequeno vídeo – falando sobre educação financeira? Que tal uma mãe psicóloga fazer um post ou um podcast, palestra ou, então, apenas uma pequena roda de conversa com outras mães sobre a questão da depressão”, exemplifica.

São medidas de fácil aplicação que, de forma muito natural, proporcionam um sentimento que pode unir diversos públicos. “Quando a escola cria um senso de comunidade, uma aldeia educativa com as famílias, ela tem um capital humano sensacional capaz de transformar corpos, mentes e almas para o bem e para o melhor”, garante Fraiman.

3 Realizar um sólido trabalho de conscientização

Para colocar em prática essas medidas, o escritor ressalta a importância do papel do planejamento e do trabalho dessa proposta, que deve ser desenvolvido com os agentes envolvidos nessas atividades.

“É um trabalho que precisa ter, primeiro, a conscientização dos gestores, depois, a sensibilização dos educadores”, observa.

4 Promover embaixadores do futuro

Após a conscientização, um passo importante é incentivar a promoção daquilo que Leo Fraiman chama de um grupo de “embaixadores do futuro”.

“Imagine selecionar pais que receberiam os currículos dos alunos do Ensino Médio para fazer circular em sua rede de contatos, em seus perfis no LinkedIn e em suas próprias empresas – entregando o material e dizendo, ‘esses garotos são pedras preciosas lapidadas na escola dos meus filhos’”, visualiza.

Outra proposta selecionada pelo especialista é a de uma feira de profissões que, além das faculdades convidadas, tivesse também pais, dividindo suas experiências e propondo convites.

5 A relação ganha-ganha-ganha

Para Fraiman, a escola pode se enriquecer muito com essas propostas, que ele chama de prática do “ganha-ganha-ganha”: onde família, alunos e escola sairiam beneficiados.

“Possibilita a construção de um continuum de empregabilidade, construindo um banco de talentos do aluno e trazendo pais para contribuírem em um comitê interno de saúde mental, educação financeira, empreendedorismo, são muitas as possibilidades”, diz.

São práticas que vão colaborar para o programa de projeto de vida e escolhas profissionais mas, também, para o autoconhecimento e a sustentabilidade.



Divulgação

São medidas colocadas em prática em paralelo com uma diretriz que o colégio desempenha em trabalhar, em todos os níveis, uma cultura do diálogo.

SEGURANÇA FORMATIVA

O que o pedagogo classifica como o terceiro pilar, que é o da segurança formativa, possibilita o estreitamento da participação familiar nas atividades do colégio 7 de Setembro. “Aí estão, por exemplo, um serviço em que os pais recebem, toda semana, um relatório sobre as rotinas do filho, tarefas concluídas e não concluídas, entre outras”, relaciona.

Nesse segmento, Delano ressalta também a integração proporcionada pelas reuniões de pais e professores, que são desenvolvidas de uma forma que esses agentes tenham um contato direto, e que possa proporcionar uma visão real de como está o andamento da participação do filho na escola.

Diante desse panorama que fornece seguranças física, emocional e formativa, explica o supervisor, a instituição tem a base para implementar suas propostas de projeto de vida.

ALÉM DO EMPREGO

De acordo com o PhD em Linguística, não é possível abordar essa temática de forma mecânica, como se tivesse o formato de uma disciplina, que corre à parte do desenvolvimento da escola.

“Projeto de vida não é o meu emprego, mas o meu posicionamento no mundo”, classifica Delano, que justifica a escolha da metodologia *Caráter Conta!* (do inglês *Character Counts!*).

Trata-se de uma proposta internacional que utiliza seis pilares de caráter: confiabilidade, respeito, responsabilidade, justiça, cuidado e cidadania. Essas serão as principais bases estratégicas, somadas às particularidades locais, para o desenvolvimento desse método.

Na prática, os estudantes do colégio 7 de Setembro desempenham essas iniciativas em projetos integradores a partir do Ensino Fundamental.

“São ações que vão desde a criança virar jarros e garrafas para prevenção do mosquito da dengue



e aplicar multas de trânsito nos próprios pais, até programas de apoio a entidades, como lar de idosos, quando maiores”, exemplifica.

Outro ponto de destaque na busca pelo futuro dos estudantes da instituição é a feira de profissões que, em muitos casos, registra a presença de ex-alunos nas mais diversas carreiras que buscam futuros candidatos por conhecerem o perfil de quem está na escola.

“O projeto de vida não é separado em uma aula específica, mas está na consciência da escola, em todas as suas atividades, esportivas e culturais”, explica, ressaltando que a unidade se preparou estruturalmente para esse fim, com recursos como bilinguismo, centro de esportes e academia de dança.

“À noite e aos sábados, o espaço da escola é como se fosse um clube, com os alunos frequentando e também seus pais”, diz.

Essa jornada, explica Delano, é a responsável por ressaltar o protagonismo nesse estudante. “É ter poder sobre esse percurso; saber que dificuldades surgirão – o que não significa que ele precisa se desesperar –, mas que ele pode ser mais, investir no potencial humano”, cita. 🧠

A proposta é a de investir em ações que mudem a forma como a família se relaciona com a escola



O gestor e as mudanças

do Novo Ensino Médio

A atuação de gestores na implementação das medidas previstas na reformulação em unidades escolares nos Estados e municípios

A mudança do Ensino Médio no Brasil foi intensificada pela Medida Provisória nº 746/2016, que originou a Lei nº 13.415/2017. Após sua aprovação, os educadores passaram a refletir sobre como seriam os próximos passos para a implementação do Novo Ensino Médio em todo o território.

Em um patamar de destaque nesse processo, os gestores educacionais passaram a buscar meios, nos mais diversos níveis, de conduzir essa adequação às mudanças previstas.

“As equipes gestoras intensificaram os estudos, discussões, debates e reuniões com o envolvimento dos professores e representação dos alunos na análise das diretrizes da rede com as do âmbito nacional, em vista de uma reestruturação mais impactante, porém, cautelosa e gradativa”, pontua a assessora pedagógica da Sagrado – Rede de Educação, Hirilene Guerra.

Com exemplos de práticas que estão sendo adotadas na rede pública e privada, conversamos com gestores de unidades escolares em diferentes Estados, com o objetivo de trazer o que já foi avançado nesse assunto.

ALINHAMENTOS HORIZONTAL E VERTICAL

Na Sagrado – Rede de Educação, são seis as unidades com Ensino Médio. Desde 2015, foi definido um comitê interno que passou a elaborar diretrizes pedagógicas comuns às mudanças que eram esperadas com a nova legislação.

Entre os anos de 2018 e 2019, a etapa de definição e análise de currículo passou pelo que a assessora pedagógica define de alinhamento horizontal.

“Cada professor se apropriou das diretrizes, competências e habilidades do próprio componente curricular, propostas para as diferentes séries, com o objetivo de avaliar a sequência didática e o



nível crescente de exigências e requisitos na passagem de uma série para a outra”, explica.

Num segundo momento, essa discussão passou, então, para o alinhamento verticalizado. “A análise do currículo foi feita de forma ampliada, onde os componentes curriculares por área de conhecimento se convergiram para uma coerência no desenvolvimento do conteúdo programático com ênfase na aquisição das competências”, pontua.

AS POSSIBILIDADES DA GRADE

Tido como um dos desafios do Novo Ensino Médio, a adaptação da grade para a ampliação da carga horária também esteve no rol de metas da rede, como explica Hirilene. No entanto, os trabalhos prévios de discussão e alinhamento, em especial no ano passado, foram responsáveis pelos ajustes necessários.

As unidades da rede, ressalta, já concentram uma carga horária que supera as 3 mil horas determinadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Diante do mapeamento de interesses, com base no programa de projeto de vida dos alunos, foi possível desenhar possibilidades de grades.

O objetivo, salienta, era o de buscar o equilíbrio entre as 1.800 horas máximas para o conteúdo da base e as 1.200 horas mínimas para os iti-

nerários formativos, projeto de vida e trilhas de aprendizagem.

“Em 2020, as unidades iniciaram o ano letivo com foco em ‘ações-piloto’, para uma avaliação mais precisa em âmbito pedagógico e com atenção a não gerar nenhum impacto financeiro, visto que se manterá a mesma carga horária, com ênfase numa nova organização curricular”, comenta. Para o segundo semestre, uma matriz horária da 1ª série terá diferentes e possíveis desenhos da arquitetura curricular do Novo Ensino Médio, com o cuidado de não trazer prejuízo à aprendizagem dos alunos.

Nota da redação: a entrevista com a gestora foi realizada no período inicial das medidas de isolamento da Covid-19. Diante do prolongado isolamento social, o calendário da Sagrado – Rede de Educação vai restabelecer as ‘ações-piloto’ assim que as aulas presenciais forem normalizadas.

CORPO DOCENTE

A assessora pedagógica também comenta outra diretriz estabelecida na rede, que foi a avaliação do perfil de cada professor, levando em conta suas competências, habilidades e talentos específicos.

“Identificamos professores com competências e conhecimentos específicos para o conteúdo da BNCC; para desenvolvimento de programas e pro-



Rede Sagrado estabeleceu diretriz para avaliação do perfil de cada professor, levando em conta suas competências, habilidades e talentos específicos

jetos por áreas de interesse; ou para ampliar a oferta de itinerários formativos e projetos de vida”, cita.

Para o ano de 2021, está programado o início das atividades com a 1ª série do Ensino Médio da Sagrado – Rede de Educação. “Em todas as unidades, serão priorizados os conteúdos da BNCC, o programa de Projeto de Vida e as trilhas de aprendizagem, considerando a maturidade dos alunos e o tempo necessário para que todos tenham clareza das áreas de interesse e dos itinerários formativos, que deverão percorrer a partir da série seguinte”, explica.

A proposta da implementação gradativa também tem foco na realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em seu atual formato, que deve ser prestado pelos alunos que estarão na 2ª e 3ª séries. A previsão é a de que o aluno que ingressa agora, ao final dos anos já deva realizar o Novo Enem, com as provas renovadas para atender às exigências da BNCC.

DIFERENTES PÚBLICOS ATENDIDOS

Um ano inteiro de reuniões tiveram como objetivo a discussão das mudanças e implementações do Novo Ensino Médio, levando em conta as características das diversas naturezas de unidades do Estado do Ceará.

A pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Miriam Brasil, também integrou essa comissão, formada pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará, com a participação de representantes da rede pública e privada, e membros do conselho estadual de educação.

“A maioria das escolas, institutos federais, unidades particulares, municipais e estaduais do estado já trabalhavam as mil horas anuais previstas na reformulação”, explica.

Das três mil horas previstas para todo o Ensino Médio, 1.200 horas devem ser destinadas aos itinerários formativos. A professora, que é Mestre em Gestão Educacional, explica que nas diversas naturezas de estabelecimentos de ensino, além das opções de itinerários nas áreas de conhecimento ou na formação técnica profissional, há também as opções de itinerários formativos integrados, que combinam mais de uma área.

No caso da realidade dos IFCE, Miriam afirma que esses institutos têm se beneficiado dos investimentos do governo local em educação profissional e cita um exemplo que tem mostrado bons resultados. “Um dos caminhos que já temos como itinerário é o de integrar as propedêuticas com as profissionais – por exemplo, no curso de mecatrônica, incluir a área de ciências; ou nos cursos de turismo, incluir ciências humanas”, exemplifica.

ITINERÁRIOS E POSSIBILIDADES

No Colégio 7 de Setembro, que reúne cerca de mil alunos em suas unidades do Ensino Médio em Fortaleza (CE), a experiência que será vivenciada com os itinerários formativos já acontece nas opções oferecidas aos estudantes.

“Temos quatro modalidades diferentes, que levam em consideração a vocação e o projeto de vida do aluno”, pontua o supervisor geral da instituição, Fabio Delano. Dentre as possibilidades, estão a que trilha os caminhos para o Enem; outras duas para instituições de ponta como o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e Instituto Militar de Engenharia (IME); e uma opção Internacional.

“Esse último caso é uma diplomação especial internacional, com base no sistema International Baccalaureate, presente em mais de cinco mil escolas ao redor do mundo, que compartilham uma filosofia comum”, comenta.

Na visão de Delano, a reformulação também faz uma transição necessária aos tempos que vivemos. “O jovem do Ensino Médio de hoje é muito diverso, plural, e ele precisa vislumbrar várias opções, não tem mais aquilo de um caminho único”, ressalta.

Sobre os desafios e etapas que vêm por aí, o pedagogo conclui que “se por um lado, o modo de como fazer ainda não está definido, ao menos o modo de pensar essa proposta está avançado – e isso é muito importante”.

Para a pedagoga do IFCE, Miriam Brasil, os agentes que compõem a gestão dessas unidades escolares representam um papel de interlocução nesse processo. “Compete aos gestores essa conversa sobre a implementação, tanto com os professores quanto aos alunos e pais”, afirma. 



9 insights para entender o protagonismo do aluno

Especialista no tema reúne reflexões sobre o conceito, que é valorizado pela BNCC, como suas origens e possibilidades de mudanças na prática em sala de aula

A capacidade do estudante ser agente principal de sua vida é um conceito presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, para o Novo Ensino Médio, passa a ter um olhar importante, que passa pela escolha da área de atuação desse estudante, bem como de seu futuro. Para contextualizar o tema do protagonismo do aluno

nessa faixa escolar, pedimos ao professor da pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), Gabriel Medina, para trazer alguns insights que podem ser inspiradores a gestores e professores do Ensino Médio.

Psicólogo de formação, é pesquisador e leciona na área de Psicossociologia da Juventude, além de ser ex-secretário nacional da Juventude.

1 OLHAR HISTÓRICO

Para Medina, existem algumas datas marcantes no cronograma histórico recente que impactam diretamente na questão do protagonismo juvenil no Brasil. Ele ressalta a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nos anos 1990. “Nesse momento o protagonismo ainda não era o centro da discussão, que estava mais voltada à segurança dessa criança”, explica.

O próximo destaque apontado vai para o ano de 2005, na criação da Secretaria Nacional da Juventude e, por consequência, o Estatuto da Juventude, em 2013. “Esse processo se intensifica e, enquanto o ECA falava sobre o direito à vida, esse documento coloca como primeiro direito a participação e representação juvenil por suas entidades”, pontua.

2 PSICOLOGIA VERSUS SOCIOLOGIA

O olhar sob o ponto de vista psicológico ao adolescente avalia, segundo o professor, “muito mais o momento de mudança corporal, de comportamento e as marcas que vão transformando essa fase da vida”. Já o olhar que trata do protagonismo, aponta, tem um viés mais da Sociologia, da Antropologia e de outras Ciências Humanas.

“Enquanto o ECA atua mais no campo da Psicologia, o Estatuto da Juventude está no campo da Antropologia”, compara.

3 A QUESTÃO GERACIONAL

Um ponto que dificulta o reconhecimento do protagonismo juvenil em ambiente escolar relaciona-se, na visão do especialista, ao pouco



acesso de parte dos docentes a esse documento. “Os agentes que hoje atuam na educação ainda não chegaram no Estatuto da Juventude – é muito recente, aprovado após as Jornadas de Junho de 2013, é pouco discutido, assimilado e debatido pelos jovens”, diz.

4 A HIERARQUIZAÇÃO DO ENSINO

“A história da nossa educação tem uma cultura hierarquizada – os jovens e adolescentes têm pouca capacidade de contribuir com seu conhecimento”, avalia, prosseguindo com a descrição que ainda persiste em escolas ao redor do país (e do mundo). “São 50, 60 carteiras viradas para o professor que, dificilmente, está disposto a ouvir a opinião desse aluno e, em alguns casos, tem uma conduta autoritária”, diz.

5 PROTAGONISMO NA SALA DE AULA

“Ter esse aluno protagonista, significa viabilizar sua participação em todas as dimensões da escola”, afirma Medina. Para o ex-secretário nacional da Juventude, esse adolescente deve ter a oportunidade de participar de práticas pedagógicas ativas em sala de aula, além de uma gestão democrática, onde esses jovens podem colaborar com os conteúdos e o que vai ser discutido.

6 NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

Trata-se de outros segmentos de destaque, que podem e devem ter a participação desses jovens integrantes. “Na gestão escolar, na discussão em conjunto com os gestores sobre as regras do estabelecimento, os horários, a relação entre pares e com o mundo adulto naquele ambiente”, salienta.

Há também a questão da sociedade, que é um setor que, certamente, sairá beneficiado com esses esforços. “Outra dimensão é a camada da participação na comunidade, que é a maneira de convidar o jovem a se comprometer com ações no próprio território”, observa.

7 PARTICIPAÇÃO HORIZONTAL

Para Medina, o protagonismo na escola exige da instituição um processo de formação consistente, para que entendam quem são esses jovens e como eles estão compreendendo a dimensão da organização.

“Eles querem uma participação mais horizontal, mais plural que tenha linguagens próprias, não basta só falar ‘participa aí’; é preciso estimular essa dinâmica, porque os jovens não vão saber participar sozinhos – precisam de uma mediação”, esclarece.

8 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“Um ingrediente importante é formar esses professores, para que eles possam reconhecer quem é esse jovem, além de capacitá-los para desenvolver as práticas pedagógicas ativas”, diz.

Além dessas questões, que estão mais atreladas à sala de aula, o especialista também aponta a importância de se tratar de temas como a gestão democrática e intervenção comunitária, mesmo que tais decisões sejam do âmbito dos gestores.

9 UM JOVEM PARA O FUTURO

Na opinião de Medina, cabe à Educação dar as respostas necessárias para a formação de jovens cidadãos que tenham suas culturas juvenis exploradas e respeitadas. “Estão vindo culturas autoritárias e de pouco diálogo – é necessário que a escola traga para o debate temas como as fake news, problemas do uso das tecnologias, vazamento de nudes, esses são assuntos que são caros para essa discussão do protagonismo”, pontua.

Por fim, ressalta que a escola, ao invés de focar, por exemplo, em organizações mais restritas, como é o caso dos grêmios, deve estimular esse grupos de forma mais coletiva. “Esse adolescente só vai se organizar com base em uma causa, que já é dele, pode ser seu corpo, o meio ambiente, a liberdade de expressão, o racismo – a partir dessas causas é que a gente mobiliza a juventude”, conclui. 🌐



Os desafios da formação técnica e profissional no Ensino Médio

As definições, etapas e os obstáculos a serem superados para a implementação desse Itinerário Formativo que é um dos pilares da reformulação proposta pelo MEC

Dentre as mudanças previstas pelo Novo Ensino Médio, a que recebe considerável destaque é a capacidade de oferecer ao estudante os itinerários formativos, possibilitando uma educação mais conectada com sua realidade e seu futuro.

Pela concepção da reformulação, podemos resumir o papel desses itinerários como sendo uma etapa do currículo que possui certa flexibilidade, com o objetivo de trazer mais profundidade a determinados temas ou áreas, que poderão ser utilizadas em sua carreira, na vida etc.

Na prática, com a homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, assim que as mudanças estiverem devidamente implementadas, os itinerários formativos devem substituir o formato atual, ou seja, as 13 disciplinas tradicionais, que são ministradas no decorrer dos três anos.

A nova proposta prevê três mil horas, ou seja, mil anuais, sendo que, desse total, 1,8 mil horas serão relacionadas aos conteúdos da BNCC e, o restante, 1,2 mil horas serão dedicadas aos itinerários formativos.

A formação técnica e profissional corresponde a um desses itinerários; os demais estão relacionados ao aprofundamento nos conhecimentos de uma área do conhecimento: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas.

Existe, ainda, a possibilidade da oferta e escolha de um itinerário formativo integrado, que combina mais de uma área – inclusive, a técnica e profissional.

ADAPTAÇÃO

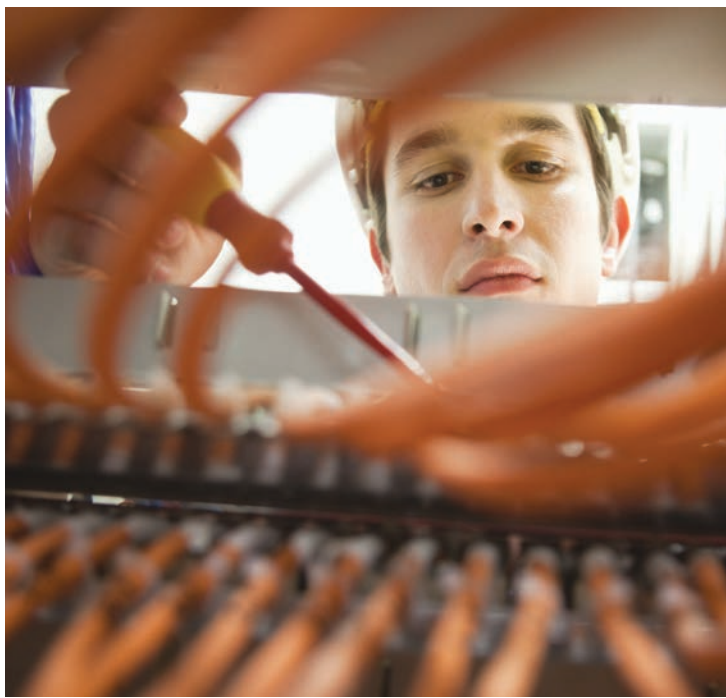
Para o membro do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina e ex-presidente do Conselho Nacional de Educação, do MEC, Eduardo Deschamps, além do desafio curricular, que tem pontos específicos como a interdisciplinaridade na formação geral básica, há a questão dos itinerários.

“É dar sequência na definição das ofertas dos itinerários formativos, para que os estudantes possam ter relação com as carreiras que querem seguir”, observa.

Esse ponto será decisivo também, quando esse aluno optar tanto pelo ensino superior quanto pelas carreiras técnicas, com a qualificação profissional, já ao final do próprio Ensino Médio, “os deixando habilitados para o acesso ao mundo do trabalho”, diz.

O JOVEM E O TRABALHO

Na visão do professor da pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo



(FESPSP), Gabriel Medina, a questão do mundo do trabalho é um tema que, contemplado ou não pelo currículo, faz parte da vida desse adolescente.

“Uma parcela dos jovens brasileiros, desde os 14 anos de idade, já tem uma pressão pelo trabalho”, ressalta, complementando com um índice que mostra uma camada significativa: 25% dos jovens do Ensino Médio no Brasil já conciliam trabalho e estudo. Atualmente, pela Constituição, os adolescentes podem trabalhar a partir dos 16 anos e, na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos.

Pela BNCC e o Novo Ensino Médio, a formação técnica profissional deve considerar, assim como

Para Miriam Brasil, do IFCE, “é mais um caminho para que esses jovens integrem a função propedêutica com a educação profissional”

“A PREPARAÇÃO DO JOVEM PARA O MUNDO DO TRABALHO, COM O DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO, COM A CAPACIDADE DE PENSAR SOBRE SUAS ESCOLHAS, CONTRIBUI PARA NÃO SE TRANSFORMAR EM MAIS UMA VÍTIMA DO SUBEMPREGO”

– GABRIEL MEDINA, PSICÓLOGO

AS UNIDADES E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

“Nós vemos alguns casos de pais e escolas, dos mais diferentes níveis sociais, que não acreditam no ensino profissional para a formação dos seus filhos”, comenta a pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Miriam Brasil, que integra a comissão escolar para a implementação do Novo Ensino Médio na rede pública e privada local.

E essa falta de opção, observa, tem feito com que muitos alunos de diversos perfis de unidades escolares fiquem sem um caminho para seguir. Nesse cenário, o desenvolvimento dos itinerários formativos, com formação técnica profissional, pode impactar esse público.

“É mais um caminho para esses jovens irem às escolas, principalmente, de uma forma que integrem a função propedêutica com a educação profissional”, observa, citando o modelo do Instituto Federal.

Em linhas gerais, os especialistas ouvidos pela reportagem, quando o tema é a implementação da educação profissional do Novo Ensino Médio, concordam em um ponto: ao menos nos momentos iniciais, essas novas práticas serão executadas por unidades que já estejam estruturadas.

É o caso daquelas que fazem parte do Sistema S – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac); os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia; e estruturas de educação profissional já existentes em cada Estado.

As demais escolas regulares, espalhadas ao redor do Brasil, deverão passar por transformações mais profundas, em gestão, docentes e instalações, para que possam atender a esse ponto específico da reformulação.

os demais itinerários formativos, o protagonismo estudantil, as habilidades socioemocionais e o projeto de vida, que vai trabalhar autoconhecimento, cidadania e o mundo do trabalho.

O fato de, até então, o currículo do Ensino Médio não contemplar essa questão é um erro, na visão de Medina, que é psicólogo de formação. “Nem todos vão fazer uma universidade ou, então, uma formação tecnológica após o Ensino Médio e, por isso, a opção de o Ensino Técnico ser um itinerário que possa ser combinado às 1,8 mil horas do

currículo, é uma posição que vai completar esse jovem que inicia a vida no mundo do trabalho ainda nesse período”, afirma.

OS REFLEXOS NA REALIDADE

Além de trazer mais uma opção para esse público, ainda no Ensino Médio, para que não tenha apenas a questão do vestibular e da universidade como único foco possível, em larga escala, os itinerários formativos de formação técnica e profissional podem trazer resultados no contexto social.

Esse jovem, relata Medina, vai poder fazer escolhas – e, nessa estrutura, será estimulado a elas. “E dentro de seu protagonismo, vai poder trabalhar essa dimensão de uma forma a olhar mais criticamente a essa realidade, para não ser um indivíduo que vai ser explorado pelo mundo do trabalho que está aí”, conta.

Nesse âmbito, o professor da FESPSP comenta que “a preparação do jovem para o mundo do trabalho, com o desenvolvimento do senso crítico, com a capacidade de pensar sobre suas escolhas, contribui para não se transformar em mais uma vítima do subemprego e da precarização, reproduzindo o ciclo de pobreza”.

Por fim, traz um ponto que considera importante para o momento que atravessamos que é o futuro do trabalho em si. “Esse novo cenário profissional não demanda de mais um operador que tenha, apenas, uma especialidade – mas sim de um indivíduo que saiba resolver um problema complexo, que consiga trabalhar em equipe, por exemplo”, cita.

O contexto difere do perfil da formação profissional dos anos 1970, exemplifica, quando o sistema era preparado para formar um caldeireiro, torneiro mecânico etc., em um modelo que operou também nas décadas de 1980 e 1990.

“Muitas das profissões de hoje não vão existir dentro de 20 anos e cabe a esse futuro trabalhador, ter uma formação que não seja restrita a uma só área, mas capaz de visualizar, de forma mais ampla essa realidade, para que ele possa se transformar no processo”, conclui. 

